

A FICÇÃO CIENTÍFICA COMO CRÍTICA DAS ALIANÇAS ENTRE CAPITALISMO, COLONIALISMO E CIÊNCIA MODERNA: UMA PROPOSTA DE EPISTEMOLOGIA REGENERATIVA PARA UM MUNDO EM CRISE

JADE BUENO ARBO¹;
EDUARDO MARKS DE MARQUES²

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – jade.arbo@ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – eduardo.marks@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A modernidade ocidental instituiu cisões fundantes – natureza/cultura, razão/emoção, sujeito/objeto, humano/não humano – que moldaram as formas dominantes de conhecer e habitar o mundo. Tais separações foram historicamente aprofundadas por três mecanismos interligados: o capitalismo, que instrumentaliza a vida por meio da expropriação e do extrativismo (FRASER & JAEGGI, 2020); o colonialismo, que impõe uma lógica de domínio geográfico e epistêmico (RIEDER, 2008); e a ciência moderna, que, ao buscar predizer e controlar, reduz o mundo a objeto de manipulação (HARAWAY, 1988). Esses processos de fragmentação manifestam-se nas crises contemporâneas – climática, social, política e epistêmica – e constituem o pano de fundo deste trabalho, que se configura em uma visão geral da tese de mesmo título.

Partindo desse diagnóstico, a tese propôs que se compreendesse compreender a ficção científica (FC) como ferramenta crítica das alianças entre capitalismo, colonialismo e ciência moderna, argumentando que a estrutura narrativa da FC – marcada pelo estranhamento, deslocamento imaginativo e exercício cognitivo – inspira práticas “regenerativas” de produção de conhecimento. O conceito de epistemologia regenerativa é formulado no âmbito desta tese a partir da convergência entre a epistemologia social e feminista de Helen Longino (2002) e a perspectiva de regeneração planetária de Fabio Scarano (2024), configurando uma forma de conhecer que busca reparar as fissuras abertas pelos dualismos modernos, promovendo práticas situadas, relacionais e sensíveis à alteridade.

O corpus da pesquisa abrange as seguintes obras anglófonas do século XIX ao XXI: *Frankenstein* (1818/1831), de Mary Shelley; *A Máquina do Tempo* (1895), de H. G. Wells; *Terra das Mulheres* (1915), de Charlotte Perkins Gilman; *Admirável Mundo Novo* (1932), de Aldous Huxley; *Duna* (1965), de Frank Herbert; *Os Despossuídos* (1974), de Ursula K. Le Guin; *A Parábola do Semeador* (1993), de Octavia Butler; *Aniquilação* (2014), de Jeff VanderMeer; *To Be Taught if Fortunate* (2019) e a duologia *Monge e Robô* (2021-2022), de Becky Chambers. A análise dessas obras permite evidenciar como a FC expõe as lógicas de expropriação, controle e assimilação sustentadas pelas alianças analisadas, enquanto propõe alternativas éticas e relacionais de interação com a natureza e a diferença.

O objetivo central desta tese foi, portanto, investigar a hipótese de que a FC funciona como crítica à tríade capitalismo-colonialismo-ciência moderna e, dessa forma, oferece uma epistemologia regenerativa, capaz de tensionar os dualismos estruturantes da modernidade e sugerir formas de conhecimento reparadoras e inclusivas.

2. METODOLOGIA

Para compreender de que maneira a literatura de ficção científica pode produzir conhecimento sobre o mundo, um primeiro momento da pesquisa envolveu explorar a relação entre ciência e literatura e o que o trabalho entende por ficção científica enquanto gênero e modo. Para isso, foram utilizadas as abordagens de William Marx (2018) sobre a relação entre literatura e autoridade; Helen Longino (2002) sobre a natureza social do conhecimento e John Rieder (2010), Istvan Csicsery-Ronay (2008) e Carl Freedman (2000) sobre o potencial da ficção científica como produtora de conhecimento.

Dada que a hipótese principal da tese é a de que a ficção científica se configura em uma epistemologia regenerativa por produzir conhecimento específico sobre as alianças entre capitalismo, colonialismo e ciência moderna, buscamos explicitar, em um segundo momento, as concepções de capitalismo, colonialismo e regeneração a serem mobilizadas no decorrer do trabalho. Nancy Fraser e Rahel Jaeggi (2020) serviram como base para uma definição de capitalismo como ordem social institucionalizada para o acúmulo; o estudo de John Rieder (2008) sobre ficção científica e colonialismo delimitou a concepção do segundo como um regime que impõe uma lógica de domínio geográfico e epistêmico, e como constitutivo do imaginário do primeiro; a proposta de Fabio Scarano (2024) de entendimento de “regeneração” como a reparação de sistemas, relações e direitos a qual necessita a incorporação de outros modos de ver e compreender o mundo abre espaço para que pensemos as soluções para um mundo em crise para além das inovação técnico-científica, mas sim a partir de uma transformação profunda nos sistemas de valores humanos que guiam a forma como habitamos o planeta.

Tendo sido estabelecido esse enquadramento, a análise do corpus literário foi realizada a partir, primeiramente, da identificação das tensões entre capitalismo, colonialismo e ciência moderna nos contextos históricos e políticos das obras selecionadas, para que então fosse feito um mapeamento de como esses elementos são estranhados e tensionados pelas estratégias narrativas cognitivas da FC.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise panorâmica do corpus revelou padrões recorrentes na ficção científica em relação à crítica das cisões modernas e das alianças entre capitalismo, colonialismo e ciência. Esses padrões se manifestam em diferentes contextos históricos na história da FC anglófona, mas convergem em uma crítica sistemática às estruturas de dominação e instrumentalização da natureza e do planeta.

A leitura de *Frankenstein* (1818/1832) de Mary Shelley mostra como a criação do monstro condensa tensões fundamentais entre ciência/natureza, observação/interferência, paixão/autoabnegação, vulnerabilidade/invulnerabilidade e progresso/estagnação. Esses binômios expõem as contradições de uma ciência produzida em isolamento do humano e do não humano. O romance denuncia os perigos de um saber que se entende autônomo, mas que, na prática, está implicado em projetos coloniais e extrativistas.

Nas obras de Wells, Gilman e Huxley, o avanço científico e tecnológico aparece como aliado de políticas de controle e homogeneização social. Em *A Máquina do Tempo* (1895), a exploração da escassez e a hierarquia evolutiva refletem as ansiedades sociais e imperiais do período. Já em *Terra das Mulheres* (1915), a

utopia separatista de Gilman propõe um experimento radical sobre gênero e reprodução, mas não escapa de ambivalências eugenistas. Em *Admirável Mundo Novo* (1932), a ciência se torna instrumento de regulação biopolítica, revelando os perigos da racionalidade instrumental.

Duna (1965), *Os Despossuídos* (1972) e *A Parábola do Semeador* (1993) situam a questão ecológica no centro da crítica ao colonialismo e ao capitalismo. Herbert mostra como o imaginário messiânico e a exploração ambiental se entrelaçam em um projeto de domínio planetário. Le Guin explora as tensões envolvidas na busca por um tipo de cooperação social e de relação com a escassez que escape à lógica da dominação. Butler, por sua vez, explora deslocamentos forçados e colapsos ambientais e o tipo de coletividade que pode surgir em diáspora.

Obras recentes, como *Aniquilação* (2014) de VanderMeer e as novelas de Becky Chambers – *To Be Taught if Fortunate* (2019) e a duologia *Monge e Robô* (2021-2022) – levam o estranhamento e a cognição a um reconhecimento da diferença e, ao mesmo tempo, da interdependência, entre natureza humana e natureza não humana. O estranhamento da Área X em VanderMeer desestabiliza a centralidade do sujeito humano e da racionalidade científica, convocando formas de conhecimento sensíveis, corporificadas e não totalizantes. Já Chambers constrói mundos em que o encontro com o não humano não se dá pela assimilação, mas pela negociação e pelo cuidado.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa demonstra que a ficção científica funciona como instrumento analítico e propositivo frente às alianças entre capitalismo, colonialismo e ciência moderna. A partir disso, a ficção científica se constitui em um tipo de epistemologia regenerativa, que articula o estranhamento como abertura à imaginação crítica e permite o desafio aos dualismos fundantes da modernidade.

A FC revela de modo recorrente como os dualismos modernos – natureza/cultura, humano/não humano, razão/emoção – sustentam estruturas de dominação que articulam exploração econômica, expropriação colonial e objetificação científica, ao mesmo tempo em que mobiliza estratégias de estranhamento e deslocamento que permitem compreender a atuação desses dualismos e imaginar cenários que ensaiam modos outros de conhecimento.

Dessa forma, o presente trabalho buscou somar-se aos diversos esforços transdisciplinares para pensar novas formas de se relacionar com o mundo ao propor a ficção científica como uma epistemologia regenerativa, isto é, como um modo de conhecer que conjuga crítica e imaginação para enfrentar crises contemporâneas. Ao mesmo tempo, contribui com a área específica dos estudos literários ao reafirmar a potência da literatura no geral, e da FC em específico, enquanto espaço de engajamento crítico e regenerativo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Octavia. **A parábola do semeador**. São Paulo: Editora Morro Branco, 2018.

CHAMBERS, Becky. **To be taught if fortunate**. New York: Tordotcom, 2019.

CHAMBERS, Becky. **A psalm for the wild-built**. New York: Tordotcom, 2021.

CHAMBERS, Becky. **A prayer for the crown-shy**. New York: Tordotcom, 2022.

CSICSERY-RONAY, Istvan. **The seven beauties of science fiction**. Middletown (Conn.): Wesleyan university press, 2008.

FRASER, Nancy; JAEGGI, Rahel. **Capitalismo em debate**: uma conversa na teoria crítica. São Paulo: Boitempo, 2020.

FREEDMAN, Carl. **Critical Theory and Science Fiction**. 1st ed. Middletown: Wesleyan University Press, 2000.

GILMAN, Charlotte Perkins. **Terra das mulheres**. Trad. Flávia Yacubian. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HARAWAY, D. Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. **Feminist Studies**, v. 14, n. 3, p. 575–599, 1988.

HERBERT, Frank. **Duna**. Trad. Maria do Carmo Zanini. São Paulo: Aleph, 2017.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. Trad. Vidal de Oliveira. São Paulo: Globo, 2009.

LE GUIN, Ursula K.; YI, Pul; HARAWAY, Donna Jeanne. **The carrier bag theory of fiction**. London: Ignota, 2019a.

LONGINO, Helen. **The fate of knowledge**. Princeton, N.J: Princeton University Press, 2002.

MARX, William. **The hatred of literature**. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018.

RIEDER, John. **Colonialism and the emergence of science fiction**. Middletown, Conn: Wesleyan University Press, 2008.

RIEDER, John. On Defining SF, or Not: Genre Theory, SF, and History. **Science Fiction Studies**, v. 37, n. Part 2, p. 191–209, 2010.

SCARANO, Fabio. **Regenerative Dialogues for Sustainable Futures: Integrating Science, Arts, Spirituality and Ancestral Knowledge for Planetary Wellbeing**. Cham: Springer International Publishing, 2024.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein ou o Prometeu moderno**. Trad. Christian Schwartz, São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

VANDERMEER, J. **Aniquilação**. Trad. Bráulio Tavares. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

WELLS, H. G. **A máquina do tempo**. Trad. Adriano Scandolara. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.